

O ARCHEOLOGO PORTUGUÊS

COLLECÇÃO ILLUSTRADA DE MATERIAES E NOTICIAS

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

VOL. IV OUTUBRO A DEZEMBRO DE 1898 N.º 10 A 12

Damião de Goes

(Carta ao Redactor d-*O Archeologo Portuguez*)

... Sr. — Na primeira pagina do n.º 1, do Vol. iv, da sua apreciada publicação appareceu um artigo, firmado pelo Sr. Joaquim de Vasconcellos, que se refere, na maxima parte, ao que tenho publicado sobre Damião de Goes e, portanto, sobre a igreja da Varzea em Alemquer. A linguagem empregada e o estylo geral do artigo, que em tudo destoam da critica séria e leal que um sabio de longa data deve fazer do trabalho de um modesto curioso, revellam um rancor pessóal que me dava o direito de responder em termos iguaes, e o facto de V. entender que materia d'aquella ordem não é alheia á indole d-*O Archeologo*, visto que a publicou, auctorizava-me a exigir-lhe o espaço sufficiente para me defender pela mesma fórma. Desisto d'esse direito, porque tenho outro campo ao meu dispôr aonde posso tratar do assumpto desafogadamente, e porque prezo de mais as paginas d-*O Archeologo* para as fazer descer á posteridade enxovalhadas com polemicas d'este genero.

Mas os desenhos e o artigo contém, a par de noticias valiosissimas, erros graves e omissões que é necessario corrigir e preencher quanto antes, para que não passem a outras obras.

Quanto aos desenhos, exactamente como a mim cabe-me a responsabilidade moral de ter dado publicidade aos trabalhos de dois professores, que, erradamente, me mereciam toda a confiança, a V. , Sr. Redactor, cabe igual responsabilidade pelos desenhos do Sr. Vasconcellos; portanto envio-lhe uma photographia que, embora não seja perfeita, será sufficiente para a verificação da verdade do que passo a expôr.

Começando pelo escudo de Damião de Goes, creio que V. concordará que a cabeça de vitella, com lingua de palmo, do desenho do Sr. Vasconcellos mui pouco se assemelha ao leão crescente e rompante que o esculptor lavrou. Por baixo d'elle a bella folha recortada está transformada em uma especie de turbante, a que o Sr. Vasconcellos chama rodete, de panno, de duas côres, enrolado em helice. O elmo, que no original, e conforme as regras da armaria, está quasi de perfil, voltado para a esquerda de quem o vê, foi, pelo Sr. Vasconcellos, collocado de frente; e bem pouca semelhança tem com a pedra. O formoso e finamente estylizado paquife, cuja folhagem de lavor archaico se espria lateralmente e attinge igual altura com o timbre, descae murcho e mesquinho, com largura demasiadamente acanhada. A graciosa facha pela qual o escudo fica dependurado do elmo, passando por argollas de diverso feitio, não está lá; mas, em troca, temos duas pontas em baixo, insertas gratuitamente. Até as quadernas não são do feitio das da lapide.

A carranca do brasão de D. Joanna de Hargem não pecca pela semelhança. Em vez do rosto satanico e o olhar feroz do original, dirigido para o chão, temos a physionomia risonha de um demonio alegre, cujo sorriso não foi modificado pelo facto de lhe terem arrancado dois grandes dentes, provavelmente porque o artista deu-lhe, em compensação, duas orelhas descommunes, que o original não abona. Debalde procuro na pedra as pontas viradas da correia; não as acho. A collocação dos dizeres é uma desgraça! O ornato ao pé da palavra BVRCH está quebrado no original. No quartel superior da direita do escudo, as barras recortadas superiores estão invertidas; pois deviam ter tres dentes para cima e dois para baixo, e serem recuadas para a direita do espectador, tanto quanto bastasse para a ave poder estar em pé no primeiro dente da barra inferior. Na casa inferior da direita do escudo a ave delineada apumada e de frente, com o bico erguido, devia estar um tanto de perfil, com a perna esquerda estendida como que espreguiçando-se, e com o bico tocando na aza direita parecendo catar-se.

Dirá o Sr. Vasconcellos que estes erros não merecem reparo: mas não posso concordar. Li aures a opinião de um erudito e escrupulosissimo investigador que «um escudo de familia é um documento historico de primeira ordem», e deve, como tal, haver toda a cautella em reproduzi-lo; mas alem d'isso, as dimensões em que elle desenhou estes escudos permittiam toda a clareza nos pormenores, e toda a exactidão; sobre tudo quando se tratava de tirar o argueiro do olho do vizinho.



Agora as inscripções :

Por um d'estes acasos tão frequentes quanto singulares, se eu deixei escapar dois erros no epitaphio, e o desenhador os reproduziu no seu trabalho, igual numero escapou ao Sr. Vasconcellos na sua transcripção do letreiro da campa. Tanto na versão a p. 8 d-*O Archeologo*, como na de p. 12, copiou «pontificis» em lugar de «pontificis», e em ambas collocou «DEO · OPT · MAX ·», tudo junto, no meio da primeira linha, quando DEO está no começo, OPT no meio e MAX no fim da linha, exactamente como se vê na p. 12 ao alto das duas traducções, que, visto serem tão imperfeitas, não merecia a pena ter publicado. A pontuação, embora muito admissivel, está bem longe de ser a da inscripção.

De passagem direi que no jornal a que o distincto archeologo se refere, a palavra IOANNAE não foi impressa sem o primeiro A, nem «deliberou» se imprimiu «debiberou»; o que aliás seria de pouca importancia, se o critico fosse leal.

Não me admirava que Damião de Goes chamasse *crypta* á modesta cova, carneiro ou jazigo, cujas escassas dimensões a propria campa está denunciando, emquanto o illustre auctor da *Archeologia Artistica*, XII, 41, me affiançava que o mesmo Damião chamara *jazigo* á lapide do seu epitaphio (H. M. H. N. S.: *Hoc monumentum haeres non sequitur* — «este jazigo não passa aos herdeiros»); mas agora que o mesmo auctor me diz que a responsabilidade de tão absurda classificação tem de ficar a cargo de ignoto terceiro, confesso que prefiro crer que Goes queria dizer *capella* e não *crypta* na inscripção da sua campa.

A proposito das letras que rematam o epitaphio, direi que nunca me passou pela mente a dúvida de que as ultimas tres linhas não fossem do auctor do epitaphio:

a) porque em seguida á palavra *ILLA* ha uma virgula (*inedita*) que nunca foi ponto;

b) porque o feitio da letra é absolutamente igual á das que a antecede;

c) porque, acceitando a decifração do Sr. Vasconcellos, ninguem, senão o padroeiro primitivo da capella, teria o direito de prohibir que os seus herdeiros ahi fossem enterrados, sobretudo depois de ter contratado por escriptura, e feito declaração na inscripção da campa em sentido contrario.

É provavel que o P.^o Cruz não copiasse o epitaphio da propria lapide; porque, se assim fizesse, teria, sem dúvida, copiado a inscripção da campa, que estava então visivel.

Como curiosidade direi que o prior da Varzea, na informação que deu, em 1758, para o *Diccionario Chorographico*, manuscrito, que está na Torre do Tombo, reproduziu correctamente o texto do epitaphio, e omittiu as cinco letras finaes; mas nem por isso penso que ainda lá não estavam no meado do seculo passado.

Quanto a omissões:

É devéras para lamentar que um estudo tão brilhante e tão repleto de novidades, como é este ensaio de chronologia da igreja da Varzea, não ficasse completo com a reproducção das outras inscripções que havia no corpo do edificio, e que, provavelmente, não tornarão a apparecer. Segundo o sabio auctor, é a primeira tentativa que se faz em Portugal, e as primeiras tentativas, quer sejam do Sr. Vasconcellos, quer minhas, hão de sair sempre um pouco imperfeitas. Teria sido tão util a sua versão do epitaphio do tal Pedre (ou Pedro) Annes; ou do de Francisco Lopes (*Aqui jaz Francisco Lopes, juiz dos orphãos que foi d'esta villa e sua mulher Branca Gomes de Lima [ou Limi] e seu filho Manoel Gomes que esta campa mandou pôr e tem nesta igreja tres missas para sempre como do seu testamento se verá*), casado, ao que parece, com a tia materna de Damião de Goes; e o do prior Gonçalo Vaz, amigo do chronista.

Mas, apesar dos erros graves e omissões que acabo de apontar, é certo que o artigo de que se trata traz, como todos podem ver, noticias importantes, pelas quaes aquelles a quem o assumpto interessar devem ficar gratos.

O curiosissimo factio de se enterrar Pedro Annes em 1539 e não lhe edificarem capella sobre os seus restos senão em 1560, merece toda a attenção. A data de 1554 (inedita) no pulpito que, provavelmente, já deixou de existir, é um apontamento historico de subido valor. A data dos azulejos, 1714 (inedita), não só é preciosa por marcar uma epocha, mas ainda mais como prova da abnegação do illustre escriptor que, divulgando-a, teve de confessar um erro já commettido que, com justa razão, considera desculpavel, porque os erros e faltas d'elle tem uma desculpa que a todos abrange.

Para mim reivindico o descobrimento de um azulejo que escapou ao Sr. Vasconcellos e aos obreiros, e que ainda está assente na parede. Representa uma formosa argolla de bahu (inedita), de pintura maravilhosamente exacta.

Sou, etc.

GUILHERME J. C. HENRIQUES.